

Especial

A nova potência Hu Jintao age para acalmar EUA, Coréia do Norte e Irã

Cresce a influência da China na diplomacia

O império globalizado

Paulo Totti
De Pequim

Representantes dos governos de George W. Bush, dos Estados Unidos, e de Kim Jong Il, da Coréia do Norte, reuniram-se sigilosamente durante três dias em novembro para discutir suas divergências nucleares. Dos encontros participou o próprio secretário-assistente do Departamento de Estado, Christopher Hill. A reunião foi em Pequim, apadrinhada pelo governo da China e presidida pelo seu vice-ministro de relações exteriores, Wu Dawei. Os resultados da reunião não foram divulgados, mas uma semana depois noticiou-se que a Coréia do Norte "estaria disposta" a suspender seus programas novos testes atômicos e Bush não incluiu mais o assunto Coréia em suas diárias aparições ante câmeras e microfones.

Fora da agenda pública de Washington parece estar, também, a questão do Irã, cujo presidente Mahmoud Ahmadinejad, por sua vez, deixou de amaldiçoar o imperialismo ianque em seus comícios e se limita agora à racista cruzada de defesa dos algozes do Holocausto.

Tem dedo chinês aí? Provavelmente. No Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas (ONU) e nas conversas diplomáticas de bastidores, a China insiste em que é melhor uma negociação "calma e paciente" com Coréia do Norte e Irã do que uma punição severa, que acirra os ânimos em lugar de contê-los.

O certo é que a China se transforma rapidamente em protagonista da diplomacia internacional e age no sentido de atenuar as tensões onde quer que elas se manifestem. E o faz não somente com a retórica de "união entre os povos" ou "paz duradoura". Essa nova postura de candidato natural à intermediação decorre da autoridade de quem é o sócio comercial preferido de cada um dos lados em disputa — seja qual for a disputa.

Hu Jintao, o aparentemente tímido presidente da China, acalmou Ahmadinejad no início deste semestre, e Bush, então em campanha eleitoral, ficou-lhe

agradecido por não ter que repetir em Teerã o desastre de sua aventura bélica em Bagdá. A China é o maior importador do petróleo do Irã, e a Coréia do Norte sobrevive graças à ajuda financeira e militar que recebe da China. Quando concedeu em condegar a Coréia no Conselho de Segurança das Nações Unidas, a China agiu como se dissesse "está bem, aqui está o meu voto, mas deixem que cuida da questão daqui para a frente". E manteve congelada no Banco Delta Asia, de Macau, a mesada que concede ao governo de Kim Jong Il. Mas não disse até quando, nem se o dinheiro será liberado aos poucos, de acordo com o bom comportamento do destinatário.

Estas são atuações subterrâneas da diplomacia chinesa. Mas vejamos a agenda internacional, pública, impregnada de pragmatismo, desenvolvida pelo presidente Hu Jintao, ou pelo primeiro-ministro Wen Jiabao, apenas em novembro. Dia 4, Hu (este é o seu sobrenome) recebeu no palácio do Congresso Nacional do Povo, em Pequim, os dirigentes de 49 países da África. Foi uma oportunidade pomposa para a China manifestar sua solidariedade a essa parte do mundo que, em outros tempos, era chamada em caracteres chineses de "continente errado". Estão ainda nas ruas de Pequim alguns dos gigantes e vermelhos cartazes com o lema do encontro: "Amizade, Paz, Cooperação, Desenvolvimento". Ao final, a China fechou acordos comerciais em que se compromete a financiar obras de infra-estrutura, comprar produtos africanos (commodities, evidentemente), exportar bens de consumo, aumentar seus investimentos (já investe US 1,2 bilhão no continente), além de prestar ajuda humanitária e ampliar a participação de bolsistas africanos em universidades chinesas. No total, seus compromissos equivalem a US\$ 5 bilhões.

Com isso, a China consolidou os muitos votos que já tinha na assembléia e nos organismos da ONU e assegurou, por via pacífica, o suprimento de matérias-primas africanas, especialmente minerais e alimentícias. No Ocidente, reclama-se que os empréstimos não seguem a ortodoxia do Fundo Monetário Internacional (FMI) e que, com isso, a China



Hu Jintao com Vladimir Putin e George W. Bush, no Vietnã, durante a reunião da Apec; a China quer, e precisa, de um mundo sem graves conflitos

reforça ditaduras sanguinárias como a do Sudão. Pouco importa. Sudão, Líbia, Congo, Gabão, Camarões, Nigéria, África do Sul, Angola, Moçambique são democracias ou ditaduras que precisam de acesso a grandes mercados mundiais e têm petróleo, minério de ferro, cobre, níquel, cobalto, diamante, madeira, café. A China quer ser o maior mercado mundial e precisa dramaticamente de tudo que a África precisa vender. A África recorda que passou séculos a fornecer matérias-primas à Europa e não se desenvolveu. E que, mais recentemente, pouca atenção havia prestado o FMI aos negócios africanos, de ditadores ou não, com o Ocidente. Então há acordo. Para a África, o pior que pode acontecer é a mudança de patrão.

Mas a movimentação chinesa não parou aí. No dia 8, o primeiro-ministro Wen Jiabao recebeu a visita de seu colega russo Mikhail Fredkov. Fecharam 13 acordos, entre os quais se destaca o de fornecimento russo de 60 bilhões de kWh anuais de eletricidade para a China (o consumo chinês hoje é de 2,2 trilhões de kWh). A Rússia exportará também bens de capital e importará bens de consumo. China e Rússia têm em conjunto um acordo para produzir energia em duas grandes centrais nucleares em Xiangsu, ao norte de Xangai. A primeira delas começou a produzir em outubro. Há também entre os dois países um programa de exploração espacial para o lançamento conjunto de uma nave à Lua em 2010. Qualquer país em crise com a Rússia pode contar com a intermediação de Pequim, que, hoje, parece mais unida a Moscou que na época da difícil convivência entre Mao e Stálin e os sucessores deste.

No dia 18, Hu foi à reunião da Associação de Cooperação Econômica Ásia-Pacífico (Apec), em Hanói, onde se encontrou com os dirigentes de 21 países da região. Os jornais da China destacaram a foto de Hu, com um quimono de seda da tradição vietnamita, ao lado da presidente do Chile, Michelle Bachelet, e à frente de Bush e do presidente russo, Vladimir Putin. A reunião principal de Hu, porém, foi com Bush. Três horas de conversa em que discutiram suas diferenças na Organização Mundial do Comércio (OMC) e acertaram os relógios sobre Coréia do Norte, Irã e terrorismo (nesse mesmo tempo, no Mar do Sul da China, a marinha chinesa realizava exercícios conjuntos com a marinha americana. Os jornais mostraram foto do almi-

Acordo China-África não é surpresa. Uma precisa de alimentos e matérias primas. A outra, de ajuda

rante Gary Roughead em conversa com o almirante Lin Yongqing. O americano é quem sorria). Foi o quarto encontro pessoal Hu-Bush deste ano, além de cinco telefonemas trocados no período. Hu ficou ainda um dia no Vietnã para reuniões com o secretário-geral do Partido Comunista, Nong Duc Manh, e o presidente Nguyen Minh Triet (os jornais chineses citaram-nos nessa ordem). Discutiram comércio de café e demarcação de fronteiras.

No dia 20, Hu viajou para o Laos, a Índia e o Paquistão. No Laos, nada a destacar. Mas com a Índia, aspirante a concorrente na atração de investimentos, Hu firmou acordo com o primeiro-mi-

Grupo japonês fecha negócio milionário em crédito de carbono com o Brasil **Página B11**

Swarovski faz sucesso com cristais e com vinhos produzidos pela argentina Norton **Página B4**

nistro, Manmohan Singh, que elevará de US\$ 20 bilhões para US\$ 40 bilhões o comércio bilateral até 2010. Acertaram também aumentar sua troca de experiências na área de tecnologia de informação. Discutiram igualmente problemas de fronteira (a China tem problemas de fronteira com quase todos seus vizinhos e quer resolvê-los pelo caminho de "paciente negociação").

No dia 22, Hu foi visitar o Paquistão, inimigo da Índia, e cujo domínio do átomo, dizem, foi desenvolvido com contribuição russa e chinesa. As relações sino-paquistanesas são boas, melhores tradicionalmente do que com a Índia. A China construiu uma moderna estrada que liga os dois países e é o quarto país na importação de produtos paquistaneses. Com o presidente Pervez Musharraf, entre outros assuntos, Hu assinou um acordo de livre comércio e conversou sobre terrorismo. Terrorismo é questão ausente até hoje na China, mas merece atenção das autoridades por duas razões; uma, imediata, relacionada com as Olimpíadas de 2008 e, outra, latente, por causa da existência de milhões de muçulmanos em províncias do oeste da China, nas proximidades da Rússia e do Paquistão. Até agora o governo e essas minorias têm convivido razoavelmente, mas um bom relacionamento com países de governo e maioria muçulmana ajuda as coisas a continuarem tranquilas.

De Islamabad, Hu Jintao voltou para o frio de Pequim, onde ninguém reclamou que viaje demais ou que perdeu tempo com banquetes para líderes africanos.

A China começou a crescer quando a Guerra Fria acabou. E a ela, mais do que a qualquer outro país, interessa que o mundo con-

tinua assim, sem conflitos graves, pois estes, no mínimo, fazem subir o preço das matérias-primas. A meta de sua política, que vinha sendo descrita como "ascensão pacífica", foi abrangida para "desenvolvimento pacífico" porque a palavra "ascensão" lembra duas coisas: uma, o livro de William L. Shirer, "Ascensão e Queda do Terceiro Reich", que esquerdistas do mundo todo leram na década de 60 e ainda se arrepiam à lembrança do que foi o nazismo; e, dois, a verdade física de que tudo que ascende cai. Sendo assim, é melhor "desenvolvimento" porque não traz más lembranças e não desafia a força da gravidade. A esse objetivo, a China acrescenta "sociedade harmoniosa", para qualificar a face com que se apresenta ao mundo.

A China é poderosa há mais de 50 anos, desde quando adquiriu o direito de veto como membro permanente do Conselho de Segurança da ONU. Mas agora tem o poder de influenciar o mundo com muito mais eficácia. Ela pode fixar preços nas duas pontas do mercado: como vendedora, ao praticar preços mais baixos nos produtos que exporta e quebrar a concorrência e, como compradora, ao se recusar a pagar o preço das commodities e das licenças de produtos de alta tecnologia que importa. E ainda tem os US\$ 300/400 bilhões em letras do Tesouro americano...

"Amizade entre os povos", "paz duradoura", chavões de propaganda. Acreditem, a China está sendo pragmaticamente sincera quando repete essa ladainha. Para quem tem os sonhos de grandeza que ela tem, um mundo de paz é o melhor dos mundos.

A sétima reportagem da série "O império globalizado" será publicada amanhã

Alto chefe do PC está preso por corrupção

De Pequim

Durante quinze anos, Chen Liangyu reinou em Xangai como secretário-geral do comitê regional do Partido Comunista Chinês. Ou seja, depois de Hu Jintao, que acumula as funções de presidente da República e secretário-geral do partido em âmbito nacional, Chen era o segundo mais importante político do país. Agora, está preso e pode ser condenado à morte.

Funcionário do partido desde a juventude, com curso de mestrado na Universidade de Xangai e uma breve passagem pela Universidade de Birmingham (no Reino Unido), Chen está sendo processado por formação de quadrilha, corrupção e malversação de dinheiro público.

Segundo a acusação, o dirigente partidário liderou um grupo de camaradas que recebia propinas para aplicar os fundos de

previdência do governo da cidade em empreendimentos imobiliários fraudulentos. Os prejuízos para os cofres públicos seriam de US\$ 1 bilhão. Os corruptores também estão presos.

Chen cobrava alto para aprovar investimentos temerários. Seus acusadores sustentam que ele e sua família acumularam no decorrer dos anos uma fortuna de US\$ 400 milhões em propinas. O dinheiro terá de ser devolvido e, se Chen for condenado à pena capital, a família vai arcar com os custos da munição para o fuzilamento. Não por acaso, o presidente da Suprema Corte do Povo, Xiao Yang, deu entrevista, logo depois da notícia da prisão de Chen, para lembrar que a pena de morte não foi abolida na China e que, segundo a lei, esta pode ser a pena para os corruptos.

A punição por corrupção tem diversas gradações. Se o desvio

de dinheiro público for de 100 mil yuans (US\$ 12,8 mil), a condenação pode ser de dez anos. Em crimes que a Justiça considerar "particularmente sérios" ou de "grande valor", os juízes decidem entre morte e prisão perpétua.

A população chinesa só tomou conhecimento da prisão no dia 24 de setembro, quando os jornais, em nota da agência de notícias oficial Xinhua, a notificaram discretamente. A prisão ocorreu duas ou três semanas antes. Simultaneamente, começou um expurgo, ainda em curso, de dirigentes no partido e na máquina do governo de Xangai.

"O camarada Chen Liangyu gerou malignos efeitos políticos", diz a nota da Xinhua. A prisão comprova, segundo a agência, que todos que "violarem as regras do Partido ou a lei nacional serão severamente investigados e punidos, não importando

quão alta seja sua posição".

Este é o mais rumoroso caso de atuação do governo central contra a corrupção e serve de alerta para outras autoridades de províncias, freqüentemente atingidas pela suspeição de pouca resistência à tentação de suborno.

O escândalo vem a público quando o Partido Comunista Chinês prepara o seu 17º Congresso — no segundo semestre de 2007 — e Chen integrava um grupo de Xangai ligado ao ex-presidente Jiang Zemin, não totalmente submisso às decisões do comitê central em Pequim. A acusação de corrupção tirou de Chen e de qualquer um de seus aliados a possibilidade de ambicionar o cargo de Hu Jintao, que, pelas novas diretrizes do partido, pode continuar no poder por mais um período de cinco anos.

Este não é o único caso de corrupção revelado pelas autorida-

des. O vice-prefeito de Pequim, o vice-governador de uma província, o procurador-chefe da Justiça em outra província e o dirigente de cinco empresas estatais numa terceira, foram presos sob acusação de corrupção no correr deste ano. Na cidade de Shenzhen, cinco membros do mais alto tribunal de justiça da região também estão presos.

Ao mesmo tempo, o governo iniciou uma série de investigações sobre a não-observância de regulamentos de segurança em empresas privadas, responsáveis por acidentes de trabalho. O mais grave deles ocorreu na província de Shanxi, onde o desabamento de uma mina de carvão causou a morte de 44 operários. Agentes do governo local foram demitidos e presos, sob acusação de receber propina para permitir a operação da mineradora em condições irregulares.

Mandarinas

Mendigos

Há mendigos nas grandes cidades da China. Eles seguem as leis de mercado: estão onde está o cliente potencial. Em Pequim, à porta da Cidade Proibida. Em Xangai, nos jardins de Yuyuan e no passeio à margem do rio Huangpu, com vista para a famosa Torre de Televisão. Em Dongzhou, em maior número, atuam numa compridíssima rua de comércio popular, parecida com a 25 de Março em São Paulo ou o calçadão de Madureira, no Rio. Têm mais de 50 anos e parecem, antes de tudo, solitários.

Correção

Na edição de ontem foi cometido erro de tradução e desatenção. "Fa", em mandarim, é o número 8, o da sorte. E não o número 4. Este dá azar, falado ou escrito. Dizem que traz desventuras até para quem não acredita nessas ultrapassadas crenças.